Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

NÔVO SALÁRIO-MÍNIMO DE FOME

O general Médici decretou, a 1º de Maio, novos níveis de salário-mínimo, em média 20º superiores aos do ano passado. Continua, portanto a aplicar , de modo implacável e sob a orientação do FMI, a política de contenção de salários e anulação das conquistas dos trabalhadores, o que provoca maior insatisfação e o revigoramento da resistência da classe operária à ditadura militar.

Alardeando que exigem sacrifícios de tôdas as classes sociais em favor do chamado desenvolvimento econômico, os militares no Poder põem em prática, na realidade, um processo de espoliação desenfreada do proletariado, em benefício dos opressores e exploradores. Como são corruptos e legislam em causa própria, tratam de conseguir também novos aumentos de soldos e vencimentos para alguns setores privilegiados da administração pública. O próprio ditador de plantão teve seus vencimentos elevados para 12 mil cruzeiros mensais, afora outras vantagens.

A classe operária é levada forçosamente a comparar o aumento de salário-mínimo de 187 para 255 cruzeiros nos maiores centros industriais, como Rio e São Paulo (o nível mais baixo é 151 cruzeiros para o Piauí), com os polpudos vencimentos que percebem os militares e os funcionários categorizados do govêrno. E toma também consciência de que os aumentos de salários decretados pelo govêrno não acompanham, nem de longe, os aumentos astronômicos do custo das utilidades. Ao contrário, dêles se distanciam. Enquanto o salário-mínimo aumentou apenas em 20 por cento, o café, de 1970 para 1971, elevou-se em mais de 43%, a carne, em 35% e o feijão, em 240%. De janeiro a março de 1971, segundo a Fundação Getúlio Vargas, em números evidentemente reduzidos, os preços dos gêneros alimentícios subiram em mais de 10%, para não falar nos aumentos dos aluguéis, das taxas, dos transportes, dos medicamentos, etc.

Para que o salário-mínimo pudesse satisfazer um trabalhador casado e com dois filhos menores, em centros como Rio e São Paulo, deveria perceber, em fevereiro de 1971, de acôrdo com estudos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-Econômicos, 750 cruzeiros mensais. Os dados oficiais e oficiosos revelam que, se um operário, em 1940, precisava trabalhar uma hora e 20 minutos para comprar 1 quilo de arroz, hoje precisa trabalhar mais de 2 horas e meia. Enquanto o salário-mínimo, de 1964 a 1970, elevou-se em 370%, o custo de vida, segundo dados oficiais, aumentou 860%, o que significa que atualmente o trabalhador não pode comprar nem a metade das mercadorias que adquiria com o mesmo dinheiro no ano em que foi dado o golpe militar. A consequência da política governamental é o aumento da fome e da miséria. O próprio Ministério da Saúde informa que 53 milhões de brasileiros estão enfermos e que 112 crianças em cada mil nascidas vivas morrem antes de completar um ano de idade.

Mas, se para os trabalhadores a política econômico-financeira da ditadura militar só agrava suas já difíceis condições de vida, ela produz enormes lucros para os grandes ca

(Continua na página 11)

NESTE NÚMERO:

Nº 53 Maio de 1971

SALVE O EPL DA COLÔMBIA

No dia 29 de abril de 1967 criava-se o Exército Popular de Libertação da Colômbia, que tomou a seu cargo a tarefa de lutar pela libertação do país do jugo estrangeiro e dos seus lacaios nacionais e pela instauração de um govêrno popular revolucionário. A criação do EPL é um marco histórico na vida do povo combiano. É fruto de um intenso e prolongado trabalho dos patriotas e democratas, encabeçados pelo Partido Comunista (marxista-leninista) da Colômbia entre as amplas massas populares, sobretudo no campo, sob a bandeira da Frente Nacional de Libertação.

A cada dia que passa, reforça-se a luta de libertação e o Epl aumenta suas fileiras, adquire novas experiências de combate e de trabalho entre as massas, cria novas tropas guerrilheiras auxiliares e milícias camponesas. A estreita ligação com as massas é o fator essencial dos êxitos do EPL e do PC (m-l) da Colômbia. Graças a isto, todos os cercos organizados até hoje pelas tropas governamentais fracassaram rotundamente. Após os combates, os soldados do EPL auxiliam os camponeses em seus trabalhos de reconstrução, o que ajuda as massas a diferenciar os revolucionários das fôrças do govêrno. Estas só sabem matar, destruir e arruinar.

A preparação política e militar dos quadros e combatentes do EPL é uma preocupação constante de seus dirigentes políticos e comandantes militares. Colocando em primeiro plano a política, o lema do EPL é lutar, trabalhar e estudar. Nas regiões libertadas em constante ampliação, cresce a rêde de escolas e cursos não só para os combatentes como para a preparação de quadros que atuam em outros setores.

Pela sua prática revolucionária, o EPL vai tornando claro para o povo colombiano que o único caminho para a sua libertação é o apontado pelo partido marxista - leninista: o da guerra popular.

O povo da Colômbia tem uma longa experiência de luta guerrilheira, da qual se beneficiam os combatentes do EPL. Ao comemorar o 4º aniversário de fundação do Exército Popular de Libertação, os colombiano reverenciam seus mártires e se inspiram em seus exemplos heróicos para lutar com mais firmeza e abnegação pela sua libertação nacional e social.

Os comunistas brasileiros saúdam a passagem do 4º aniversário do EPL da Colômbia, se regozijam com os seus êxitos e o exemplo de seus irmãos de armas da Colômbia e aprendem de suas experiências na luta contra o inimigo comum.

DESNACIONALIZAÇÃO DA ECONOMIA NACIONAL

Enquanto o govêrno prossegue sua demagogia sôbre patriotismo, vai entregando cada vez mais o Brasil à voragem dos trustes estrangeiros. Em discurso no Senado, Franco Montoro denunciou o crescente processo de desnacionalização da economia nacional. Baseado em dados do relatório do Banco Central, o senador paulista afirmou que o capital estrangeiro domina 81% da economia paulista, 48,2% da carioca, 26,8% da mineira, 55% da gaúcha, 85,4% da paranaense e 82,5% da fluminense. Por ramos da economia: indústria: 70,2%; transportes: 67,8%; comércio : 58,3%; imprensa: 69,2% e publicidade: 89,9%. O contrôle estrangeiro sôbre a imprensa e a publicidade bem serve para fazer propaganda do "nacionalismo" dos militares no Poder...

Segundo informações da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil - noticia um matutino paulista - das 40 maiores emprêsas que exportaram manufaturados com um valor global de 455 milhões de dólares no último ano, 32 são de capitais inteiramente estrangeiros e 1 de capital "misto". Neste caso não houve desnacionalização, pelo simples fato de que já são estrangeiras as emprêsas exportadoras, em sua esmagadora maioria.

E viva o patriotismo dos militares e dos fascistas no Poder!

TERRORISMO DA DITADURA

Comentário Nacional

A campanha que se desenvolve atualmente no país contra as tentativas da ditadura de aplicar a pena de morte, vai ganhando fôrças e adquirindo maior significação. Independentemente dos motivos que levam diferentes organizações e personalidades a adotar tal posição, o certo é que se avolumam as vozes dos que condenam o emprêgo da pena de morte. A maioria dos que se pronunciam ficou sobremodo chocada em seus sentimentos democráticos, jurídicos ou simplesmente humanísticos, com a decisão da Justiça Militar da Bahia que sentenciou à morte um jovem secundarista de 19 anos. Essas vozes correspondem às melhores tradições de luta do povo brasileiro pela justiça social e a liberdade, refletem o despertar de novas fôrças e pessoas que começam a atentar e a inquietar-se com as crescentes denúncias de que os militares no Poder se desmandam e cometem atrocidades contra a pessoa humana nas prisões e nos quartéis. O povo vai percebendo que a pena de morte e outras leis fascistas da ditadura simbolizam um tremendo retrocesso político, a volta aos peiores tempos de castigo cruel dos escravos e do esquartejamento dos gloriosos mártires da luta pelos direitos nacionais e democráticos de nossa gente espoliada e oprimida.

Tôdas essas manifestações representam, por isso, uma nítida condenação ao regime militar-fascista que instituiu tão iníqua legislação. E porque assim o sente é que a camarilha governante se opõe à campanha contra a pena de morte e quer silenciá-la. Fingindo aguardar a decisão do Superior Tribunal Militar sôbre a sentença do Tribunal da Bahia, Médici nada diz. Mandou, porém, proibir o debate público promovido a respeito da momentosa questão na cidade de Salvador e insiste nos pedidos de novas condenações à pena capital.

Na verdade, o govêrno militar não cogita de abandonar sua política liberticida e antipopular. A decretação da pena de morte e, agora, a ameaça de sua efetivação, exprimem, de modo lógico, as consequências da orientação que visa a aterrorizar e intimidar o povo para submetê-lo à voracidade da minoria de exploradores nacionais e estrangeiros. A destrição física e maciça de seus adversários já era plano dos generais golpistas antes da tomada do poder, em 1964. Desde então, êles executam êsse plano e o aperfeiçoam. A principal característica do regime militar é a intensificação da atividade repressiva que se abate de forma cada vez mais selvagem e extensa sôbre o povo. É fato mais do que notório a prática disfarçada, fraudulenta e já rotineira da eliminação sumária de valorosos e firmes opositores do regime. Aumentou a lista dos trucidados pela ditadura. Sobe a milhares o número de torturados e presos, sobretudo jovens. Ainda no mês passado, a polícia de São Paulo anunciou o fuzilamento de três prisioneiros em praça pública, alegando que os mesmos haviam resistido à prisão. Também continua repercutindo o desaparecimento nos quartéis do I Exército, do ex-deputado Rubens Paiva.

Não obstante, a ditadura militar se esforça para inverter os fatos. Procura impingir por todos os meios a falsa idéia de que seus adversários são terroristas, inconformados, subversivos. Proclama abertamente que se acha em estado de guerra permanente contra as massas, contra as fôrças populares, contra o movimento nacional e democrático. Médici e seus parceiros juram que jamais praticam torturas ou assassinam os patriotas que lhes caem nas garras. Os sacripantas pretendem justificar seus crimes e a legislação fascista como resposta necessária à radicalização política artificialmente provocada pela oposição ao regime. E como não conseguem intimidar nem aterrorizar o povo, ao contrário, se isolam e vêem a resistência a seus desmandos se desenvolver, êles é que caem em pânico e tendem a apelar para medidas cada vez mais dráticas e ferozes a fim de manter a ditadura.

Impõem-se, portanto, para impedir que se consume a matança de patriotas e o sacrifício de outros corajosos filhos do povo, elevar ainda mais alto o volume das vozes que se pronunciaram contra a pena de morte e as torturas, organizar uma fôrça mais poderosa, unir todos os que, por qualquer motivo, queiram se opor a que a ditadura militar continue cometendo novos e horrendoscrimes.

MALÁSIA: AMPLIA-SE A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

O povo malaio, sob a direção do Partido Comunista, realiza as mais variadas formas de combate ao govêrno títere de Kuala Lumpur. As ações armadas, em forma de guerra de guerrilhas, estendem-se a todo o país, adquirem amplitude e abarcam setores cada vez mais amplos da população. Nas zonas setentrionais do país, a luta armada adquiriu grande vigor e combatividade. Consolidam-se as zonas libertadas. Intensos combates foram travados recentemente entre as fôrças armadas populares e as tropas governamentais nas proximidades da fronteira com a Tailândia. Dezenas de soldados enviados para reprimir os trabalhadores foram aniquilados pelo exército popular. Uma patrulha inimiga foi colhida num campo de minas e totalmente liquidada. Mantendo sempre a iniciativa em suas mãos, as fôrças populares atacam continuamente as tropas governamentais em Sarawak e Kalimantan do Norte, causando-lhes grandes baixas, desbaratando as campanhas de cêrco e aniquilamento. Inúmeras ações foram realizadas contra bases e instalações militares. Nas regiões fronteiriças com a Indonésia, as fôrças armadas populares da Malásia têm coordenado suas ações com as daquele país.

Seguindo a linha política do Partido Comunista da Malásia, fogueado no curso de mais de 20 anos de luta armada, as fôrças armadas e o povo da Federação Malaia, golpeia por tôda parte o inimigo e amplia seu apoio entre as massas populares.

MANIFESTAÇÃO DE MASSAS NA SUÉCIA

Na concentração e passeata de mais de 10 mil pessoas em Estocolmo, a 1º de maio, o camarada Gunnar Billing, presidente da Liga Comunista (m-l) da Suécia, condenou enèrgicamente o imperialismo ianque pelo crime de estender a guerra de agressão na Indochina e enalteceu entusiàsticamente as grandes vitórias obtidas pelos três povos indochineses, unidos para o combate, na guerra de Resistência à Agressão Ianque e pela Salvação Nacional. As palavras do dirigente comunista foram recebidas com calorosos aplausos dos manifestantes, que portavam retratos de Marx, Engels, Lênin, Stálin e Mao Tsetung e gritavam "Viva o socialismo", "Viva o marxismo-leninismo". Na década de 70 - concluiu seu discurso o dirigente sueco - os povos erguem-se numa grande maré de lutas contra o imperialismo e a reação. Estas lutas fazem soar o dobre de finados para o imperialismo e a reação.

O futuro pertence à classe operária, pertence aos povos !

PC DA NOVA ZELÂNDIA APOIA A LUTA REVOLUCIONÁRIA EM TODO MUNDO

"Já passou o tempo em que era suficiente exigir o regresso à Pátria das tropas neo-zelandesas enviadas à Ásia, ficando limitadas nossas palavras-de ordem a "ianques, regressem às suas casas !". Na frente internacional - ressaltou o camarada Wilcox, secretário-geral do PC da Nova Zelândia, em recente discurso - atualmente o problema consiste em dar todo o apoio possível aos povos para assegurar o triunfo da guerra popular em todos os países, já que, como assinalou o presidente Mao, êste triunfo é o longo caminho para a derrota do imperialismo mundial e para a obtenção da paz. A possibilidade de evitar uma nova guerra mundial não se cria seguindo uma posição pacifista, mas sim organizando a luta contra o imperialismo em tôdas as partes, até conseguir fazer com que o imperialismo já não esteja em condições de desencadear uma nova guerra mundial."

"O PC da Nova Zelândia expressa a sua plena solidariedade e a fé otimista que consiste em dar tôda a ajuda possível para o triunfo da guerra popular na Indochina, na América Latina, na África e em todos os lugares do mundo. A situação atual exige a união de tôdas as fôrças que lutam pelo triunfo da guerra popular em tôdas as partes do mundo. Esta é a condição principal para a vitória."

MARXISTAS-LENINISTAS DA BÈLGICA LIGAM-SE ÀS MASSAS

Enfrentando a reação interna, desmascarando com firmeza os revisionistas ,

Panorama Internacional

EE.UU.: NÔVO ASCENSO REVOLUCIONÁRIO

Centenas de milhares de pessoas ocuparam recentemente as ruas e praças de Washington, de São Francisco, de Filadélfia e de outras cidades norte-americanas e realizaram um grandioso protesto contra o prosseguimento da guerra na Indochina. Operários, empregados públicos, donas de casa, estudantes, ex-combatentes do Vietnã e militares da ativa uniram se para condenar a política de Nixon e também para exigir melhores condições de vida. Essas ações de massa foram maiores que as do ano passado, após a invasão do Camboja .

A amplitude das manifestações surpreendeu os ocupantes da Casa Branca, que se desmandam em demagogia e promessas mirabolantes de vida melhor, mas só fazem estender a guerra e proporcionar maiores sacrifícios ao povo. Os próprios órgãos da imprensa burguesa ianque são obrigados a reconhecer que a "maioria silenciosa" de que falava Nixon, apresentando-a como favorável à sua política, resolveu pronunciar-se contra êle. Com efeito, dezenas e dezenas de milhares de pessoas que nunca se haviam declarado anteriormente e muitas que, há pouco, estavam a favor do govêrno e da continuação da guerra no Sudeste Asiático, aderiram às vigorosas demonstrações pela retirada imediata das tropas ianques da Indochina. O prosseguimento da guerra e as contínuas derrotas sofridas pelas tropas ianques, assim como as consequências econômicas desta política, despertam para a vida ativa os setores mais apáticos e atrasados do povo americano.

Hoje já não há mais dúvida para ninguém que o povo dos Estados Unidos está passando por uma transformação radical em sua maneira de pensar e de agir. Êle se pergunta: - Que defendem os soldados americanos na Indochina, senão os interêsses de um punhado de monopolistas dos Estados Unidos e de governantes corruptos e lacaios de países satélites que enriquecem com a morte de milhares de homens, mulheres e crianças? De que valem os fabulosos gastos do Tesouro ianque, acima de 330 bilhões de dólares, se aumenta a inflação e pioram as condições de vida da grande maioria? De que serve continuar uma guerra já perdida de há muito e que só trouxe ao povo americano 45.000 mortos e mais de 300.000 mutilados e feridos, e à nação o ódio e o desprêzo dos demais povos? De que vitórias fala o govêrno de Nixon se o povo americano só assiste a derrotas, uma após outras, no sul do Vietnã, no Camboja e agora no Laos? A resposta é dada pelas campanhas de "desobediência civil" e de resistência ao recrutamento. Êste já levou para fora do país mais de 100.000 jovens em idade militar. Manifestantes queimam a bandeira litrada de Tio Sam e empunham orgulhosos a bandeira do adversário na frente de batalha. Exigem a cessação imediata da guerra e o retôrno dos soldados às suas casas. O último inquérito de opinião pública realizado pouco antes das últimas manifestações revelou que 72% dos consultados adotam a opinião de que é preciso pôr fim imediato à guerra, sem dilações.

Os governantes de Washington estão em apuros e caindo no desespêro. Isto é o que explica a violência com a qual Nixon mandou enfrentar as últimas manifestações diante do Capitólio. Mais de 10.000 pessoas foram arbitràriamente presas e espancadas pelas tropas da polícia e do Exército, que atiraram sôbre a massa, causando inúmeros mortos e feridos. Com arrogância - e para espantar o mêdo de que está possuido - o fascista Nixon declarou que "a política dêsse país não se faz nas ruas". Vivendo fora do tempo, pensa ainda estar na época em que os governantes podiam fazer o que entendessem fechados em seus gabinetes de trabalho.

Nixon e os monopolistas ianques sabem, porém, que não podem atender às exigências do povo nem impedir que as demonstrações se sucedam, se ampliem e se aprofundem. É irresistível a tendência a se unirem mais firmemente os que se opõem à continuação da guerra assim como os trabalhadores desempregados, os negros que reclamam o fim da discriminação racial, as donas de casa que protestam contra a carestia, os democratas que exigem liberdade, enfim todo o povo dos Estados Unidos. Na luta, forjarão sólida aliança, na base de um verdadeiro programa de unidade contra o fascismo, a guerra e a crise.

Setores cada vez mais vastos do povo estadunidense tomam consciência de que é preciso lutar contra as causas da guerra, da inflação, do desemprêgo, do fascismo - o sistema capitalista, de que é o imperalismo norte-americano a expressão mais saliente.

(Continua na página 11)

AJUNTAMENTO DE REVISIONISTAS

O 24º Congresso do PCUS realizado em Moscou o mês passado, demonstrou que os social-imperialistas soviéticos prosseguem em seu firme propósito de estender pontes e ampliar a colaboração com os imperialistas norte-americanos, em reforçar a base econômica da nova burguesia russa e em continuar a sua política de ataques ao PC da China e aos demais partidos marxistas-leninistas. Não deixaram dúvidas de que se converteram em imperialistas e consumados contra-revolucionários. Em longos e enfadonhos discursos, Brezhnev, Kossiguin e outros corifeus do regime tentaram encontrar novas fórmulas para enganar o povo soviético e os demais povos do mundo, bem como passar de contrabando suas idéias de renegados, a fim de salvar-se da crise sempre maior em que mergulhou o revisionismo kruchovista. Em consequência, contaram com ampla cobertura publicitária da imprensa dos países capitalistas que os elogiaram pelo "realismo" e "moderação" com que se referiram aos graves problemas políticos da atualidade mundial.

Uma das preocupações dos novos czares do Crêmlin, no seu Congresso, foi a de ressaltar a importância da cooperação ianque-soviética. Junto a tiradas demagógicas pretensamente antimperialistas, Brezhnev lamentou o zigue-zague da política dos Estados Unidos, o que "torna difícil nossos acôrdos", mas fêz questão de reafirmar que parte do "princípio de que é possível melhorar as relações entre ambos os países.

O "plano de paz" apresentado pelo secretário-geral do PCUS visa precisamente a êsse fim. Não se trata - segundo êle - de derrotar os agressores ianques e seus fantoches no Sudeste Asiático e no Oriente Médio, mas de "promover um acôrdo político nessas regiões". Tampouco se trata, no dizer de Brezhnev, de apoiar a luta antiimperialista dos povos coloniais e dependente, mas de cumprir integralmente "as decisões das Nações Unidas sôbre a abolição dos regimes colonialistas ainda existentes". Aliás, nenhum revolucionário esperava posição diferente, uma vez que os revisionistas soviéticos, com sua política de aliança com os Estados Unidos, conspiram contra os povos que enfrentam os agressores e se batem heròicamente na Indochina, no Oriente Médio e em outras partes por sua libertação.

A proposta que Brezhnev renovou no Congresso, da liquidação simultânea do Pacto de Varsóvia e do Pacto do Atlântico visa, precisamente, a consolidar a política de divisão do mundo em "esferas de influência" e manter o status quo no velho Continente. Deve-se - segundo Brezhnev - "proceder ao reconhecimento final das mudanças territoriais operadas na Europa", isto é, que os imperialistas ianques não se intrometam em seu império colonial e que os povos revolucionários, por sua vez, contenham suas lutas contra o capitalismo para não romper o "equilíbrio de fôrças" naquela parte do mundo.

Para conquistar mais ainda a confiança dos imperialistas estadunidenses, os dirigentes revisionistas voltaram a reafirmar seus propósitos de intensificar as negociações sôbre armas nucleares, químicas ou bacteriológicas tendo em mira assegurar o monopólio sôbre elas das duas super-potências imperialistas.

A política dos governantes de Moscou mostrou-se mais abertamente contra-revolucionária. Brezhnev, Kossiguin e seus apaniguados - sob os aplausos dos dirigentes revisionistas de outros países - voltaram a atacar a política marxista-leninista do Partido Comunista da China e procuraram estimular seus amigos revisionistas de outros países, notadamente da América Latina, com elogios à sua política antimarxista-leninista, anticomunista, a fim de desviar as massas da revolução e levá-las ao caminho enganoso do reformismo.

O Congresso dos revisionistas soviéticos aprovou, também, novas medidas para reforçar a base econômica da burguesia soviética. Não tem outro sentido o nôvo plano qüinqüenal. Prevê a continuação da política dos "incentivos materiais" e do lucro como critério de desenvolvimento da economia nacional, ao mesmo tempo que destaca a necessidade de produzir mercadorias de consumo para a nova classe privilegiada: automóveis de luxo, geladeiras, televisões, máquinas de lavar roupa e outros produtos unacessíveis aos trabalhadores que ganham baixos salários e sofrem intensa exploração.

A vida está comprovando cada vez mais que os revisionistas contemporâneos já não podem se disfarçar sob a bandeira do leninismo. Tem de enfrentar dificuldades em suas próprias fileiras. No 24º Congresso do PCUS também certos dirigentes revisio-

(Continua na página 11)

MÉDICI E A REFORMA AGRÁRIA

Após a instauração da ditadura militar, em abril de 1964, agravou-se de maneira sem precedentes a situação no campo brasileiro. Aumentou como nunca o empobrecimento das massas de assalariados agrícolas, de camponeses pobres e médios e, mesmo, de setores mais acomodados da população rural. Embora tenham diminuido atualmente os efeitos da sêca que assolou o Nordeste, os males oriundos da existência do latifúndio e a atual política da ditadura perduram. Em Pernambuco, na decantada zona canavieira, os assalariados agrícolas acham-se em condições de penúria sem paralelo. Na zona cacaueira da Bahia, a miséria atinge proporções jamais vistas. Sequer trabalho encontram os assalariados agrícolas. No interior de São Paulo e do Paraná, as queixas contra o encarecimento do custo de vida, os preços baixos pelos produtos da terra, os salários vís e a falta de trabalho nunca foram tão numerosas. No Rio Grande do Sul noticia-se o crescente estado de miséria em que se encontram milhares de famílias camponesas.

Só uma minoria de latifundiários e grandes capitalistas se locupleta com os favores da política dos generais fascistas. Tornou-se maior e mais intensa a concentração da propriedade fundiária, enquanto a grande massa de lavradores é despojada de suas terras. Grupos estrangeiros, especialmente norte-americanos, já abocanharam, nos últimos anos, cêrca de 20 milhões de hectares de terra, principalmente da Amazônia. O preço do arrendamento e o peso dos impostos são cada vez maiores. São terríveis, sob todos os aspectos, para os camponeses, as consequências da dominação do regime dos militares.

Lavra, por isso, em todo o interior do país grande descontentamento e começam a se manifestar muitos sinais de inconformismo, a surgir protestos, a se organizar movimentose lutas. São bem conhecidas as invasões de cidades e vilas por camponeses flagelados do Nordeste. Ainda há pouco, na região da Zona da Mata, camponeses desempregados em número superior a dois mil invadiram o município de Cortez exigindo trabalho e comida. Choques, inclusive armados, se dão entre camponeses e latifundiários tanto na Bahia, como no Paraná e em outros Estados. Ressurge mais claramente o conflito que opõe milhões de camponeses privados de terra e de direitos aos latifundiários e àditadura que os apóia.

O govêrno Médici procura impedir a todo preço que os trabalhadores do campo se manifestem em favor de suas aspirações e tenta esvasiar amenores pretensões de modificar ou melhorar a velha estrutura agrária brasileira. Neste particular, Médici tem se revelado mais atento à fôrça e aos interêsses dos latifundiários que seus antecessores. Como se recorda, Castelo Branco e Costa e Silva trataram de ver se encontravam soluções que reduzissem os conflitos sociais no campo. Depois de dissolver as organizações camponesas e perseguir ferozmente seus líderes, Castelo Branco apresentou e fêz aprovar o Estatuto da Terra que, ao lado do fortalecimento do sistema latifundiário, visava a criar uma camada de latifundiários aburguesados. O destino do Estatuto da Terra, bem como de outras medidas decretadas por Castelo Branco, é conhecido. O próprio marechal, tido como um dos líderes do golpe de 64, foi obrigado a ceder o pôsto de presidente antes do tempo que desejava. Costa e Silva, que o substituiu, também andou fazendo demagogia sôbre a questão agrária. Prometeu levar a cabo a "reforma agrária" de Castelo Branco em alguma áreas chamadas "prioritárias". A respeito dessas áreas até hoje ninguém mais ouviu falar. E ainda estão frescos os acontecimentos que determinaram o afastamento de Costa e Silva como ditador de plantão.

Médici, ao ser indicado Presidente, teve a preocupação imediata de se dizer um "homem do campo" e de "falar paraos homens do campo". Mas foi sob o seu govêrno que o assunto ficou por mais tempo congelado. Por sua origem latifundiária efetiva ou por astúcia reacionária, ou por ambas as coisas, o certo é que Médici, embora sem abandonar o tema propagandístico sôbre o homem do campo, não tratou especificamente do problema durante boa parte de seu govêrno. Mesmo quando teve de enfrentar, por dever de ofício, o flagelo da sêca e a miséria no Nordeste e quando o fracasso da Sudene estava visível paraos mais cegos, Médici não se comprometeu em nenhum instante a atender os reclamos das grandes massas de flagelados e muito menos aarranhar sequer os privilégios dos latifundiários nordestinos. Ao contrário, cuidou de socorrer a êstes, com créditos imediatos superiores a 40 milhões de cruzeiros, enquanto para os trabalhadores flagelados mandou abrir algumas frentes-de-trabalho com a diária de 2 cruzeiros. E lá, de parceria com seu amigo, o coronel Mário Andreazza, resolveu anunciar

(Continua na página seguinte)

Médici e a reforma agrária (Continuação da página anterior)

a construção da estrada Transamazônica, como uma das formas de transferir para a região inóspita e hostil milhares de camponeses nordestinos sem terra e sem trabalho.

Não obstante, a questão agrária e o drama de mais de 10 milhões de famílias camponesas despossuídas, escorchadas e oprimidas não podem ser eludidos nem adiados indefinidamente. A sociedade brasileira, sobretudo os camponeses e o proletariado, de há muito reclama modificações radicais na velha estrutura agrária e que seja vencida a crise crônica que afeta a agricultura. Nem a repressão, nem as mentiras, nada no mundo, são capazes de encobrir a miséria e a difícil situação das massas que vivem no campo. Médici, por conseguinte, não podia ficar silencioso nem omisso. Recorreu, pois, a seu truque favorito de govêrno: o lançamento de uma operação "impacto ", decretando medidas de "reforma agrária" e de "assistência" ao trabalhador rural. Mas seu decreto-lei de "reforma agrária" é tão monstruoso como a catadura do grupo militar-fascista no Poder. Seu princípio supremo é a segurança nacional. A solução do problema agrário e camponês se resume para Médici na colonização...da Amazônia. De fato, os núcleos de colonização deverão ser formados com famílias camponesas selecionadas pelo Exército e o SNI. Ficarão localizados, sob contrôle militar, nos 100 quilômetros que marginam cada lado das estradas da Transamazônica. O ditador teve o cuidado de respeitar a posse das terras que a legislação atual considerar legítimas. Quer dizer: os camponeses seriam encerrados em campos de concentração e os grupos nacionais e estrangeiros donos de terras na região terão garantidos seus privilégios.

Após decretar sua reforma, sem frear seu cinismo, Médici resolveu "estender" a instituição da aposentadoria e outros benefícios ao trabalhador rural, através do projeto denominado PATRU. Acena com aposentadoria no valor de 50% do salário ao trabalhador que chegar aos 65 anos de idade. O sentido dêste providência do govêrno é puramente demagógico e mistificador. No próprio Congresso da ditadura houve vozes que ridicularizaram o projeto de Médici. Verificou-se, desde logo, que a ditadura queria arrancar dos operários da cidade, mais precisamente do fundo sindical, o dinheiro para cobrir boa parte da pretendida aposentadoria aos trabalhadores rurais, sem que, entretanto, o govêrno assumisse qualquer obrigação para assegurar os fundos financeiros da sua iniciativa. Aliás, tal procedimento obedece ao nôvo lema de Médici, qual seja: " cidade ajudar o campo", o que significa, na prática, arrancar do proletariado urbano, já espoliado, os meios para fazer demagogia com a pobreza do campo. Comprova-se melhor a natureza da medida proposta por Médici ao se constatar que mesmo o salário-mínimo de lei não é pago aos assalariados rurais. Além disso, é sabido que é cada vez maior a falta de trabalho no campo e dificilmente um assalariado consegue atingir os 65 anos de idade.

Indubitàvelmente, é um imperativo pugnar pelos interêsses imediatos do trabalhador rural e lutar para satisfazer suas aspirações mais sentidas. Todo democrata, todo revolucionário, está disso convencido. Mas, precisamente por esta razão, as fôrças populares consideram uma grosseira farsa a pretensão de levar a aposentadoria ao homem do campo, sem ao mesmo tempo assegurar-lhe trabalho e o mínimo de garantias para se organizar e lutar contra a espoliação de que é vítima secular. A verdadeira finalidade dessa apregoada "obra social" dos golpistas de abril é enganar os setores mais atrasados das massas trabalhadoras, aplacar a crescente oposição popular e amainar a aguda divergência que separa o punhado de latifundiários donos de quase tôdas as terras do país e a imensa maioria dos homens sem-terra ou com pouca terra no campo brasileiro. Além disso, a política da ditadura militar objetiva, na prática, proteger e enriquecer ainda mais os grandes fazendeiros e criadores de gado. Foi o que deixou muito claro, o ministro da Agricultura em seu discurso de 3 de maio corrente aos criadores de gado em Uberaba: Falando em nome de Médici, disse êle: "Companheiros pecuaristas, o govêrno vos apoia".

Em face de tal estado de coisas, é preciso, portanto, desmascarar com vigor a política da ditadura e esclarecer e mobilizar as massas camponesas para ações combativas por suas reivindicações e direitos, desde os já consignados nas leis vigentes até os que os seus interêsses reclamem, principalmente a entrega da terra a quem a trabalha.

CRESCE O DESEMPRÊGO

Na região salineira do Rio Grande do Norte, constituida por 7 municípios com uma população de 150.000 pessoas, há 50.000 desempregados, devido à mecanização

SALVE A VITÓRIA DA DITADURA DO PROLETARIADO

Apresentamos, a seguir, um trecho do artigo comemorativo do Centenário da Comuna de Paris publicado no dia 18 de março de 1971 pelas redações do "Diário do Povo", de Pequim, da revista "Bandeira Vermelha" e do "Diário do Exército Popular de Libertação" da China.

O 18 de março dêste ano assinala o Centenário da Comuna de Paris. Com profundo sentimento internacionalista proletário, os comunistas chineses e o povo de todo o país, educados pelo seu grande líder, o Presidente Mao, celebram entusiàsticamente com a classe operária e os povos revolucionários de todo o mundo esta grande festa do proletariado. Há cem anos passados, os proletários e as amplas massas populares de Paris desencadearam uma heróica insurreição armada, fundando a Comuna de Paris. Êste foi o primeiro poder operário na história da humanidade. Foi a primeira grande tentativa da classe operária para derrubar a burguesia e estabelecer a ditadura do proletariado.

A Comuna de Paris suprimiu o Exército e a Polícia do reacionário govêrno burguês, substituindo-os pelo povo armado. Os trabalhadores tomaram o fuzil em suas mãos. A Comuna de Paris destroçou o aparêlho burocrático através do qual a burguesia escravizava o povo. Formou o govêrno próprio da classe operária. Adotou uma série de medidas em defesa dos interêsses do povo trabalhador e organizaou as massas populares para participar ativamente da administração do Estado.

Na luta para estabelecer e defender o poder proletário, os heróis da Comuna de Paris demonstraram extraordinária iniciativa revolucionária, elevado entusiasmo de combate, exemplar heroismo, conquistando a admiração dos povos revolucionários, em sucessivas gerações. Embora tenha fracassado sob os ataques militares e a sangrenta repressão do verdugo Thiers, em conluio com Bismark, o mérito histórico da Comuna de Paris é imortal.

Marx disse com razão: "o glorioso movimento de 18 de março é a aurora de uma grande revolução social que livrará para sempre a Humanidade do regime de classes". Quando Paris ainda estava encoberta pela fumaceira de pólvora e os combates prosseguiam, Marx assinalou: "Se a Comuna fôr batida, a luta será apenas retardada. Os princípios da Comuna são eternos e não podem ser destruidos. Êles não cessarão de se manifestar de nôvo até que a classe operária conquiste sua libertação".

Quais os princípios revolucionários que foram generalizados por Marx e Engels, grandes mestres do proletariado, em decorrência da prática da Comuna de Paris? Em síntese foram os seguintes: a classe operária não pode se contentar em tomar o aparêlho do Estado tal qual se apresenta e fazê-lo funcionar em seu próprio benefício. O proletariado deve recorrer à violência revolucionária para romper e destruir a velha máquina estatal e instaurar a ditadura do proletariado. Ao esclarecer êste princípio, Marx sublinhou: "Para a ditadura do proletariado, as fôrças armadas constituem a condição primordial. A classe operária deve conquistar seu direito à emancipação no campo de batalha. Sòmente apoiando-se nas fôrças armadas revolucionárias, o proletariado pode derrubar a dominação das classes reacionárias e, em seguida, realizar a sua missão histórica". Marx indicou ainda: "O Estado de ditadura do proletariado devia ser não um órgão parlamentar, mas um corpo atuante, executivo legislativo, ao mesmo tempo". Lênin assinalou com justeza: "Uma das idéias mais notáveis, mais importantes do marxismo, a respeito do Estado, é a da ditadura do proletariado, como passaram a exprimir-se Marx e Engels após a Comuna de Paris". Persistir em recorrer à violência revolucionária para romper a máquina estatal da burguesia e estabelecer a ditadura do proletariado tem sido, nos últimos anos, o centro constante da luta entre o marxismo, de um lado, e o revisionismo, o reformismo, o anarquismo e as demais idéias burguesas e pequeno-burguesas, de outro lado. Esta a questão central da encarniçada disputa entre as duas linhas do movimento comunista internacional. Tanto os revisionistas da II Internacional, como os revisionistas contemporâneos dirigidos pela renegada camarilha soviética, traíram inteiramente o marxismo justamente nesta questão fundamental da ditadura do proletariado.

(Continua na página 10)

SALVE A VITÓRIA DA DITADURA DO PROLETARIADO (Continuação da página 9)

Tôda a história dêsses cem anos comprova plenamente a invencibilidade da doutrina do marxismo quanto à revolução proletária e à ditadura do proletariado.

Quarenta e seis anos após a insurreição da Comuna de Paris, o proletariado russo, sob a direção do grande Lênin, conquistou, através da insurreição armada, a vitória da Revolução Socialista de Outubro, inaugurando uma nova era da revolução proletária e da ditadura do proletariado, no mundo. Lênin mostrou que "para destruir a velha máquina estatal, a Comuna de Paris deu o primeiro passo nesse caminho, passo de alcance histórico-universal. É o poder dos Soviets deu o segundo". Setenta e oito ano após a Comuna de Paris, o povo chinês, sob a direção do grande líder, o Presidente Mao, conquistou a vitória da revolução. O Presidente Mao indicou o caminho para o estabelecimento das bases de apoio rurais, para o cêrco das cidades pelo campo e a conquista final das cidades. Conduziu o povo chinês, através de uma prolongada guerra revolucionária, até a derrubada da dominação reacionária do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático, a destruição da velha máquina estatal e a instauração na China da ditadura democrática popular, ou seja, a ditadura do proletariado. Em seguida, o Presidente Mao orientou o povo chinês a prosseguir na revolução sob a ditadura do proletariado e a avançar vitoriosamente ao longo do amplo caminho socialista.

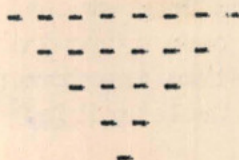
No transcurso de um século, o proletariado e os povos e nações oprimidos lutaram com valentia, viram tombar os que se encontravam na vanguarda e destacar-se novas fôrças, apoiaram-se e estimularam-se mùtuamente. Avançam sem cessar, levantando a bandeira socialista e da revolução nacional-democrática, conquistando as mais brilhantes vitórias.

O camarada Mao Tsetung afirmou que "vivemos agora uma era histórica em que o capitalismo e o imperialismo, em todo o mundo, caminham para a ruína e o socialismo e a democracia popular, em todo o mundo caminham para a vitória". Nas novas condições históricas e em fase mais alta, a causa da Comuna de Paris alcançou um amplo desenvolvimento. A fisionomia do mundo inteiro passou por grandes transformações. Os quatro cantos da terra sofreram profundos abalos.

Ao comemorarem o 10º aniversário da Comuna de Paris, Marx e Engels, plenos de entusiasmo revolucionário, dirigiram estas palavras à classe operária européia : "A Comuna, que as potências do velho mundo acreditavam ter aniquilado definitivamente, está mais viva do que nunca. Por isso, podemos erguer juntos o grito de "Viva a Comuna !" . Hoje, a bandeira da revolução erguida pela Comuna de Paris tremula vitoriosamente em todo o mundo. Já não está longe o fim do imperialismo, do social-imperialismo e da reação mundial. Num momento com êste, ao comemorar o centenário da Comuna de Paris, os marxistas-leninistas, o proletariado e os povos revolucionários de todo o mundo têm mais razão para bradar com confiança centuplicada: "Viva a Comuna ! Salve a vitória da revolução proletária e da ditadura do proletariado! "

COMEMORADO O CENTENÁRIO DA COMUNA DE PARIS

Os revolucionários brasileiros comemoraram com entusiasmo, o Centenário da Comuna de Paris. Inscrições murais e volantes foram realizados em vários Estados sadando os revolucionários parisienses de 1871. Em reuniões das organizações do Partido Comunsta do Brasil foram pronunciadas conferências e palestras alusivas à data. As "Edições Alvorada" publicou sob o título "Viva a Comuna de Paris!", trecho do Manifesto da I Internacional, escrito por Marx, em que é feita a generalização da experiência do movimento iniciado a 18 de março de 1871. Muitas outras iniciativas tiveram lugar, nas várias regiões do país, em homenagem aos mártires e heróis comunardos, revelando assim o espírito internacionalista proletário dos comunistas brasileiros.

- - - - - - - - -
- - - - - -
- - - -
- -
-

NÔVO SALÁRIO MÍNIMO DE FOME (Continuação da página 1)

capitalistas nacionais e estrangeiros e para os latifundiários. De conformidade com os balanços publicados, a indústria automobilística obteve no ano passado um lucro confessado de 35% sôbre o capital social. Os banqueiros, lucros que variam de 25 a 75% E emprêsas como a Shell, 36%. Isso sem falar nas emprêsas de construção naval e outras que mantêm grandes contratos com o govêrno. Os latifundiários, sobretudo os pecuaristas e aquêles que produzem diretamente para a exportação (café, cacau,etc.), também estão satisfeitos com a ditadura, uma vez que viram seus lucros crescerem.

Diante dêste quadro, não resta à classe operária outro caminho que o da unidade e da luta para conquistar maiores salários, obter a liberdade sindical para reivindicar seus direitos. Deve levantar bem alto a bandeira da luta contra o regime que espolia e oprime todo o povo brasileiro e por um govêrno efetivamente popular e revolucionário.

***** ***

MARXISTAS-LENINISTAS DA BÉLGICA LIGAM-SE ÀS MASSAS (CONTINUAÇÃO da página 4)

lismo. Recentemente o jornal oficial do Partido Comunista (m-l) da Bélgica denunciou a exploração feroz a que estão submetidos os operários, principalmente os jovens, exortando-os a lançarem-se em ofensiva contra a exploração dos patrões. São precisamente os jovens trabalhadores os mais destacados na luta contra o capital e os pelêgos sindicais, aos quais chamam de "servidores dos patrões" . O único caminho para obter salários mais elevados - assinala o jornal - é a luta. Os jovens operários devem ter bastante claro que sòmente conseguirão os seus direitos através da fôrça.

****

EE.UU.: NÔVO ASCENSO REVOLUCIONÁRIO (Continuação da página 5)

Os povos de todo o mundo saúdam com entusiasmo o nôvo ascenso revolucionário do povo dos Estados Unidos que assim se une à grande frente única mundial contra o imperialismo e a reação e se bate por um mundo nôvo, sem opressão nem exploração.

****

AJUNTAMENTO DE REVISIONISTAS (Continuação da página 6)

nistas estrangeiros não concordam com a idéia de ficarem subordinados ao bastão-de-comando soviético. Mas Brezhnev e Kossiguin empenharam-se sobretudo em impor a "ordem" em suas hostes: aprovaram medidas para "limpar " as fileiras do PCUS dos descontentes e possíveis opositores.

Entretanto, a crise do revisionismo contemporâneo é irreversível . Quanto mais se chafurdam na lama da traição, mais se aproximam de seu fim. O proletariado soviético tem longa tradição revolucionária, é fiel aos ensinamentos de Lênin e Stálin. Sob a direção dos autênticos bolcheviques que se organizam e lutam cada vez melhor, saberá varrer de sua Pátria o lixo revisionistas, restaurar a ditadura do proletariado e reencetar o caminho iniciado com a Grande Revolução Socialista de Outubro.

****

LEIA E DIVULGUE "A CLASSE OPERÁRIA"

A FOME MATA CRIANÇAS

Na cidade de Recife, Pernambuco, de cada mil crianças nascidas, 81 morrem antes de atingir o primeiro ano de vida. A capital do Estado de São Paulo, nestes últimos anos atingiu seu maior índice de mortalidade infantil. Entre 1945 e 1961 morreram 60 por mil nascidos vivos. Em 1970 chegou a mais de 75 mortos por mil nascidos vivos. São estas as conclusões preliminares do relatório da Investigação Interamericana de Mortalidade na Infância, preparado pela Organização Mundial de Saúde. Tal relatório acrescenta: "... a deficiência nutricional contrbui direta ou indiretamente em um proporção relativamente alta nas mortes de menores de 5 anos".

CRESCE O DESEMPRÊGO...
... E TAMBÉM REDUZ-SE A PRODUÇÃO (Continuação da página 8)

A participação do setor industrial na renda interna de Sergipe caiu de 18,6%, em 1950, para 6,4%, em 1967, dando bem uma medida do vertiginoso processo de esvasiamento do Estado - disse na cerimônia de posse o nôvo presidente da Federação das Indústrias daquele Estado nordestino. No decênio 1960-70 - acrescentou - Sergipe não registrou o menor índice de crescimento e as distorções econômico-sociais colocaram o Estado, mesmo em relação ao Nordeste, na retaguarda do desenvolvimento.

E a ditadura continua a afirmar despudoradamente que a política da Sudene e dos incentivos fiscais vêm industrializando a região e criando novos emprêgos.

"No cenário convulsionado da América Latina, onde populações oprimidas e espoliadas pelas velhas oligarquias e vorazes monopólios estrangeiros tomam consciência de seu destino , trava-se simultâneamente com as demonstrações patrióticas, as greves e as guerrilhas, um choque de idéias de grandes proporções. A vaga de rebeldia que se espraia do Rio Grande ao Estreito de Magalhães faz brotar as mais diversas teorias, as mais variegadas soluções, os caminhos mais discrepantes. É um fenômeno que expressa a opinião das diferentes classes e camadas sociais e revela o espírito combativo das massas ou a capitulação diante do inimigo, o desejo de mudanças revolucionárias ou as tentativas de travar a marcha da História.

Extensos setores do povo e amplos círculos culturais mostram enorme interêsse pelas novas idéias. Não por teses abstratas, carentes de objetividade e sem qualquer sentido prático, mas por concepções que envolvem problemas cruciais do momento. Na mente de milhões e milhões de pessoas reflete-se uma realidade social de espantosas injustiças, miséria crescente, exploração cruel, odiosa dominação imperialista, arbitrariedades inomináveis e de truculência militarista. Quanto mais o capitalismo se afunda numa crise sem saída e se debate nos estertores de uma agonia que pressagia seu fim, mais difícil se torna a situação dos povos e dos trabalhadores da América Latina, maior é seu anseio de libertação. Daí porque as massas populares voltam-se com inusitada atenção para as idéias renovadoras, para o debate e para a busca de novos horizontes, de um caminho que as conduza a uma vida livre, digna e feliz."

("Alguns problemas ideológicos da Revolução na América Latina " - Artigo publicado em "A Classe Operária" de Maio de 1968).

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS

Rádio Tirana

- Das 4:00 às 4:30 horas - Ondas Curtas de 31 e 49 metros
- Das 7:00 às 7:30 horas - Ondas Curtas de 25 e 31 metros
- Das 18:30 às 19:00 " - Ondas Curtas de 31 e 49 metros
- Das 20:00 às 21:00 " - Ondas Curtas de 31 e 42 metros

Rádio Pequim

- Das 19:00 às 20:00 horas - Ondas Curtas de 25,30,41 e 48 metros
- Das 21:00 às 22:00 horas - Ondas Curtas de 25, 30 e 47 metros